



**Brenda com o filho,
Mycole, que nasceu
cinco anos depois
de ela abandonar o
vício nas drogas.**

final feliz

Ela era viciada em *crack* e vivia nas ruas. Mas, depois de chegar ao fundo do poço, transformou-se numa **professora adorada por todos.** POR KENNETH MILLER

Logo ao norte do aeroporto de Phoenix, em um dos bairros mais violentos dos Estados Unidos, o barulho de tiros costuma ser ouvido no meio das casas. Carros espalham um som ensurdecedor de *hip-hop* enquanto cruzam as ruas, passando por quintais sujos, e o estardalhaço dos helicópteros da polícia ecoa no ar. Mas, se ouvir atentamente, você pode perceber um coro de vozes infantis vindas de uma sala de aula, numa escola de tijolos brancos. Brenda Combs está regendo seus alunos numa canção. “Quando acordamos de manhã”, ela canta vigorosamente, num emocionante registro de contralto, “podemos escovar os dentes... pentear os cabelos... comer alguma coisa... e ficar prontos para um dia novinho em folha.”

As crianças nessa turma de verão têm idades entre 5 e 12 anos, e vêm das famílias mais pobres de Phoenix, como quase todos os alunos da StarShine Academy – uma escola *charter* (que recebe verbas públicas, mas funciona de modo independente), de ensino fundamental e médio. Algumas são filhas de pais viciados em drogas; outras não têm onde morar. Por sua vez, a mulher

que está de costas para o quadro-negro alcançou um sucesso que em outra época teria parecido absolutamente fora de seu alcance. Brenda, que dirige o programa de verão da escola e, durante o restante do ano, ensina na 3ª e 4ª séries, foi incluída na lista *Who's Who Among America's Teachers* (Quem é quem entre os professores americanos). Recentemente, quando obteve o mestrado em Educação, na Grand Canyon University, a primeira-dama Laura Bush enviou-lhe uma mensagem de felicitação. E, enquanto Brenda estava sendo entrevistada pela CNN, o reitor da universidade lhe fez uma surpresa, presenteando-a com uma bolsa de estudos integral até o doutorado.

“Brenda é incrivelmente talentosa”, disse Patricia McCarty, fundadora da StarShine Academy. “Com frequência eu penso em quantas pessoas costumavam passar por ela e dizer: ‘É um caso perdido.’”

O que torna Brenda uma educadora tão extraordinária de crianças fragilizadas pode ser o tempo que passou vivendo nas ruas, como uma desesperada viciada em *crack*. Durante anos, ela dormiu debaixo de pontes e vasculhou latões de lixo à procura de comida. Naquela época, raramente usava um pente ou uma escova de dentes.

Agora, aos 45 anos, Brenda gosta de mostrar aos seus alunos adolescentes suas fotos de “antes”, que retratam uma mulher excluída da sociedade, de aparência desoladora e desgrenhada, com olhos de zumbi. “Eu sei o que é querer ficar *doidona*, ter fome e sofrer abusos”, diz a professora.

Quando morava em Flagstaff, 220 quilômetros ao norte de Phoenix, ainda menina, poucos teriam acreditado que Brenda pudesse descambar para um caminho tão sofrido. Seu pai era pai-deiro de dia e zelador à noite; a mãe, cozinheira de restaurante, em regime de meio expediente. Ambos acreditavam em educação e trabalho duro para viver com dignidade. Brenda, a mais velha de três filhos, tinha um bom ouvido musical. Quando, ainda no jardim-de-infância, aprendeu sozinha a tocar no piano *What a friend we have in Jesus*, a mãe chorou de orgulho. E, para sua família, a Igreja vinha em primeiro lugar.

“Meus pais eram muito religiosos”, lembra a professora. “E mantinham os filhos sob rígido controle.” Era proibido beber, fumar e dizer palavrões; namorar e falar gíria também. Brenda sentia-se deslocada entre seus colegas mais liberados, especialmente depois que a família se mudou do centro da cidade para um subúrbio de classe média habitado predominantemente por brancos. Na época em que passou para a faculdade, ela já estava determinada a viver de acordo com suas próprias regras. Estudou um ano na Northern Arizona University até trocar a faculdade por um emprego de caixa de banco.

Começou também a freqüentar festas. Primeiro vieram as *margaritas* e os daiquiris, depois a maconha e o ácido. Um namorado lhe apresentou a cocaína. Hoje, Brenda acredita ter uma personalidade suscetível a vícios. Mas, na época, só sabia que ficar *ligada* a li-



Brenda se formou pela Universidade Grand Canyon em 2007 (acima, com seu filho). Ela percorreu um longo caminho desde os tempos em que vivia nas ruas (à esquerda, 1993).

vrava da insegurança e da inibição. Passou a pular de emprego em emprego, cometendo pequenos delitos. Detida por falsificação e furto, ficou em liberdade condicional. Mas sua verdadeira ruína foi mesmo o *crack* – uma cocaína “batizada” e ainda mais perigosa, fumada em cachimbinhos.

Essa droga chegou a Flagstaff em meados dos anos 1980. De repente, nada mais importava. Seu lar podia ser um motel barato ou um sofá na casa de um conhecido. Quando, num exame antidrogas, Brenda foi flagrada violando a condicional, um advogado ajudou a livrá-la da prisão. Ele a inscreveu num programa de reabilitação, e os dois acabaram se apaixonando. Brenda conseguiu um emprego de cabeleireira e começou a perseguir o sonho de se tornar cantora, apresentando-se em boates nos fins de semana. Mas suas

reincidências destruíram o relacionamento, e ela voltou ao vício.

Em 1992, Brenda chegou a Phoenix. Certa noite, estava passando por uma casa onde ocorria um jogo de cartas em meio a muito barulho e num clima carregado de tensão. De repente, um carro freou. “Eu me lembro de ter ouvido um clique”, contou. “Então, vi armas apontadas para fora da janela.” O alvo era um homem a quem Brenda tinha acabado de pedir um cigarro. Ele jogou-se sobre ela, e ambos ficaram feridos no tiroteio.

O tornozelo esquerdo de Brenda ficou tão despedaçado que os cirurgiões chegaram a pensar na possibilidade de amputação. Depois de meses em hospitais, ela voltou para as ruas, ainda de muletas.

“Para mim”, disse, “a cocaína era o melhor remédio.”



Brenda Combs, que sempre teve talento musical, utiliza canções na hora de ensinar.

Na **StarShine Academy**, um dos instrumentos motivacionais favoritos de Brenda Combs é uma máquina de fazer sorvete. Poucos anos atrás, ela havia comprado o equipamento para divertir seu filho, Mycole, agora com 7 anos, mas decidiu compartilhá-lo com as crianças da escola. Toda sexta-feira à tarde, ela serve sorvete de casquinha para cada um dos 130 alunos do estabelecimento. “Eles trabalham muito a semana toda e precisam de uma pequena recompensa”, diz.

Brenda é incansável quando se trata de ajudar crianças a superar adversidades. “A professora Brenda me fez ver que, não importa de onde você venha, pode fazer algo importante”, afirma Ricky Gomez, 14 anos, que recentemente ganhou uma bolsa de estudos para alunos talentosos, concedida por uma escola católica de ensino

médio. Ricky conta ainda que Brenda o manteve afastado das drogas e o incentivou a perseguir seu sonho de um dia se tornar arquiteto.

Regularmente, a professora faz visitas às casas dos alunos, mesmo quando a residência é um *trailer* caindo aos pedaços. Quando um pai está na prisão, chega a levar uma ou duas crianças para sua pequena casa, como já aconteceu várias vezes. “Ela não espera elogios por isso”, conta Beth Brantley, que deu a Brenda seu primeiro emprego de professora, há sete anos.

Como a escola tem orçamento apertado, Brenda gasta parte de seu salário anual de 35 mil dólares em material de arte, jogos educacionais e equipamentos audiovisuais usados, mas em bom estado. E ela passa suas noites elaborando planos de aula – um jogo de Matemática envolvendo pedaços de pizza ou um curso de inglês em que os alunos publicam os próprios livros. Para completar seu orçamento doméstico de mãe solteira, ela se desdo-

bra em outros trabalhos de meio expediente: diretora de coral, instrutora de faculdade pela Internet... E, aos domingos, depois da igreja, ela leva comida, água e um pouco de esperança para aqueles que vivem nas ruas. “Eu quero voltar lá e lhes dizer: ‘Ei! Eu consegui! E, se eu consegui, vocês podem conseguir também!’”

Não foram os tiros que levaram Brenda a mudar de rumo. Ao longo dos anos, ela foi espancada, esfaqueada, queimada com cigarros e estuprada. Sobreviveu a múltiplas *overdoses* e a uma cachimbada de *crack* misturado com veneno contra ratos. Certa manhã, em 1995, acordou debaixo de um viaduto, numa rodovia, e descobriu que seus sapatos tinham sido roubados.

Naquele dia o chão estava tão quente que deixou seus pés com bolhas, e Brenda se viu, literalmente, sem condições de andar. Mas o ladrão roubara mais do que seus sapatos – ele levava o que tinha sobrado de sua dignidade. “Subitamente eu caí em mim”, lembra. “E pensei: *Não, essa não pode ser a vida que Deus queria me dar.*”

Depois que um amigo lhe arranhou um par de tênis, Brenda foi até uma delegacia de polícia e se entregou. O funcionário encarregado de fiscalizar sua liberdade condicional lhe ofereceu uma lista de programas de reabilitação e ordenou que escolhesse um que pudesse cumprir à risca. Brenda optou por um estabelecimento não muito distante. O ano em que ficou sob tratamento ali, recorda a professora, foi o mais difícil pelo qual já passou. A mais

leve contrariedade emocional, a visão da chama de um isqueiro, e até determinadas canções no rádio acendiam nela desejos ferozes. A maioria dos outros residentes acabou caindo de novo no vício. Mas, para Brenda, dessa vez o caminho não tinha volta.

Depois de se desintoxicar, ela se cercou de mentores solidários, mas nem sempre lhes seguiu os conselhos. Seu passo em falso mais grave foi se casar com um alcoólatra que estava tentando permanecer sóbrio mas com muito menos sucesso do que ela tivera. Enquanto Brenda trabalhava para pagar o aluguel, José mergulhava em bebedeiras; às vezes, era espancada pelo marido, quando ele voltava para casa. Mesmo depois de engravidar, os abusos continuaram. Tinha então 37 anos, e havia cinco estava sem usar drogas. Inexplicavelmente, horas depois do nascimento de Mycole, em janeiro de 2000, o bebê sofreu um derrame quase fatal que o deixou com seqüelas no cérebro. E os médicos alertaram sobre a possibilidade de a criança jamais aprender a andar, falar ou comer sozinha.

Brenda entrou com um pedido de divórcio quando o filho tinha 3 meses, depois que José, num acesso de fúria, destruiu a casa e deu uma pancada forte em Mycole. Naquela época, ela trabalhava num serviço de cobranças durante o dia, e num restaurante, à noite. No fim daquele ano, seu chefe do emprego diurno lhe deu um ultimato: ela teria de decidir entre continuar trabalhando ou correr para o hospital toda vez que o filho sofresse

uma convulsão. Brenda pediu demissão na hora.

Beth Brantley, que administrava a creche onde Mycole passava a maior parte do tempo, viu no desemprego de Brenda uma oportunidade. Tendo acabado de lançar uma escola independente para crianças maiores, fez-lhe uma proposta: se Brenda trabalhasse para ela, Mycole ficaria na creche de graça.

“Eu nunca tinha pensado em ensinar antes”, diz Brenda. Mas, após uma semana no novo trabalho, ela soube que havia descoberto sua vocação. Para melhorar sua capacitação, começou a fazer cursos de Pedagogia e Educação numa faculdade local. Em 2005, obteve seu bacharelado da Universidade de Phoenix, pela Internet, e se matriculou no programa de mestrado da Universidade Grand Canyon. Depois que Beth fechou sua escola, Brenda concorreu a um emprego na StarShine. Durante a entrevista, Patricia McCarty perguntou sobre o motivo de querer trabalhar num bairro pobre quando podia ganhar um salário bem maior num subúrbio de melhor nível social.

“Ela respondeu: ‘Eu me vejo nessas crianças. E nós estamos aqui para mudar o mundo’”, recorda Patricia.

Hoje, Brenda e o filho vivem numa casinha de dois quartos que ela ajudou a construir com uma pequena equipe de voluntários da ONG Habitat for Humanity. E se reconciliou com os pais, que adoram levar Mycole em suas viagens de pesca. O menino cursa agora a 2ª série e, depois de anos de terapia intensiva, tornou-se um ávido jogador de basquete, aluno aplicado e um devorador de livros.

Os próprios horizontes de Brenda continuam a se expandir: Patricia a está preparando para se tornar diretora de uma nova escola da StarShine, e organizações a convidam para dar palestras. Editoras a incentivam a escrever uma autobiografia e produtoras querem transformar sua história num filme.

Tanto assédio é um pouco atordoante, mas ela já enfrentou desafios bem mais difíceis. “Muitas portas estão se abrindo para mim, agora”, admirase. E, rindo, completa: “Acho que estou pronta.”

SONECA FORA DE HORA

Uma senhora de 71 anos chamou a polícia depois que acordou em uma loja e se descobriu trancada por dentro.

A cama em que ela estava deitada ficava em um dos cantos da loja e os vendedores esqueceram da pobre senhora. Um policial da equipe de socorro declarou:

– Ela ficou impressionada com a qualidade da cama, mas não com a qualidade do serviço.





Ainda hoje fecho os olhos e volto para casa. Eu me inspiro com isso... *Dolly Parton no CNN.com*

Enquanto o mundo continuar girando, continuaremos tontos. *Mel Brooks*

Não é a montanha que devemos vencer, mas nós mesmos. *Edmund Hillary*

Concorda?

No dia em que você tiver vontade de jogar tudo para o alto é sinal de que a motivação acabou e você precisa parar.



Felipe Massa

Durante a maior parte da minha vida, se algum homem fazia algo de um jeito diferente do que eu achava que deveria ser feito, eu me apressava em corrigi-lo. Hoje eu digo: "oh, mas que interessante!"

Ellen Burstyn

Se o trabalho enobrece, o sofrimento amadurece.

Daniella Cicarelli

A política é a única profissão em que não fazer nada além de dizer que os outros não prestam é uma atitude aceitável.

Mark Warner, ex-governador da Virgínia, EUA



Os lares são na verdade as pessoas que moram neles.

Nancy Reagan



Pagamos até R\$ 50 por frases de brasileiros famosos vivos (página 98).